

# Noticias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PINHEIRO CHAGAS, 21 — TELEFONE 59  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO II — N.º 57 — Domingo, 11 de Julho de 1954

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

NÃO HESITE  
Para os seus trabalhos  
tipográficos ou carimbos  
PREFIRA A  
TIPOGRAFIA SOCORRO  
Vila Real de Santo António

## A IMPORTAÇÃO DE ATUM FRESCO

A **INDÚSTRIA** de conservas de atum, iniciada em Vila Real de Santo António em 1865, a primeira que se criou em Portugal para a conservação dos peixes, depois que Joseph Colin, em 1824, em Nantes, aplicou às sardinhas a genial descoberta de Nicolas Appert, atravessa crise muito séria, que exige solução rápida se a quisermos preservar de um desastre grave. Quase centenária, a sua contribuição para o prestígio da indústria de conservas de peixe portuguesa e sua valorização na economia nacional, tem sido das mais valiosas, através da excelente reputação alcançada pelos seus produtos nos mercados nacional e estrangeiro, e da sua destacada posição no quadro das nossas exportações.

Esta posição, a que podere-

QUANDO A NOSSA INDÚSTRIA ATRAVESSA UMA SITUAÇÃO DIFÍCIL, RESULTANTE DA ESCASSEZ DE MATÉRIA PRIMA, SUBMETTER A DIREITOS DE IMPORTAÇÃO O ATUM PESCADO POR BARCOS PORTUGUESES, COM DESTINO À INDÚSTRIA NACIONAL, É LESAR GRAVEMENTE OS INTERESSES E A ECONOMIA DO PAÍS

mos chamar óptima, perdurou durante longos anos, incrementando a indústria da pesca abastecedora e fazendo o bem-estar e o progresso das populações do Sotavento do Algarve, nomeadamente Vila Real de Santo António, principal centro produtor da conserva do atum.

O após guerra veio, porém, alterar profundamente as tradicionais condições de produção e exportação desta indústria conserveira. Alguns dos seus limitados mercados, desapareceram, e outros, os principais, foram invadidos por uma concorrência aguerrida e bem apetrechada de novos e antigos produtores que vão conquistando as nossas posições com as suas conservas a preços baixos, o que podem fazer, porque a sua indústria, ao invés da nossa, é apoiada por uma pesca abundante e barata.

E é aqui que está o ponto crucial de toda esta grave questão: as nossas armações de pesca do atum no Algarve já não estão em condições de satisfazer, em quantidade e preço, as novas necessidades impostas pelos mercados à indústria das

conservas, e esta, para não fechar as suas fábricas e lançar na miséria os seus operários, é obrigada a manter, há anos, uma laboração ruínosa.

E, contudo, o problema tem uma solução fácil e que satisfaz todos os interesses em causa, dos conserveiros, dos armadores e até do próprio Estado, se se quiser encarar-lo sem «partipris» ou exclusivismos egoístas.

Reconhece-se, por um lado, que a nossa indústria da pesca do atum, usando processos anacrónicos, postos de parte, hoje, pelas suas congéneres mais avançadas, só consegue obter pescas reduzidas e a preços incompatíveis para a indústria de conservas. Por outro lado, sabe-se, também, que esta tem capacidade para fabricar e possibilidade de exportar uma

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

## ASSINALANDO UM ANIVERSÁRIO

COMPLETARAM-SE, na passada segunda feira, vinte e dois anos que, depois de se ter revelado excepcional estadista na pasta das Finanças, o sr. prof. Dr. Oliveira Salazar assumiu a Presidência do Conselho.

Este longo período de estabilidade governamental, marca uma época de restauração colectiva, que já se encontra indelevelmente assinalada na História de Portugal.

Tanto na vida interna do País, como nas nossas relações externas, pode considerar-se transcendente a obra realizada — com o excepcional mérito de ter sido alcançada na Paz, quando à nossa volta rugem um mar tempestuoso de dissídios e perturbações.

Desde o restabelecimento da confiança nos nossos destinos à dignificação da nossa posição no Mundo e ao metucioso aproveitamento de todas as possibilidades nacionais, a administração do eminente Professor é bem um reflexo do seu génio governativo, da sua luminosa inteligência, de um extraordinário sentido das rea-



lidades — de uma vida inteiramente vivida ao serviço da Nação.

## O PROBLEMA DAS COMUNICAÇÕES FERROVIÁRIAS

ENTRE A CAPITAL E O ALGARVE

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

## SOBRE A SUA SOLUÇÃO

SEMPRE atentos e interessados pelos problemas da nossa Província, acorremos à Casa do Algarve para ouvir a conferência que ali proferiu o sr. prof. Dr. Délio Nobre Santos, sobre o tema aliciante de «Regionalismo algarvio e os grandes problemas do Algarve». Tivemos, pois, o gosto de escutar a brilhante palestra que o distinto professor da Faculdade de Letras de Lisboa ali realizou.

Possuidor de uma cultura vastíssima e de excepcionais dotes de oratória, o prof. Délio Santos foi verdadeiramente brilhante, deliciando todos quantos tiveram o prazer de escutá-lo. Pena foi que os nossos compatriotas não tivessem revelado maior interesse pela conferência, esquecendo-se de que os problemas tratados interessam a todos nós, algarvios, porque são essenciais para o progresso e engrandecimento da nossa província. Porque assim é, e porque nos parece que estes assuntos merecem a maior divulgação, pedimos licença ao sr. prof. Dr. Délio Santos para, à margem

da sua notável conferência, nos referirmos a alguns problemas focados na mesma, utilizando a imprensa regional — com a secreta esperança de que a assistência seja mais numerosa do que a que vimos reunida na Casa do Algarve. A intenção que nos move é,

(CONTINUA NA 4.ª PAGINA)

## Gazeta de Cantanhede

Com o seu número de 3 deste mês, iniciou o 38.º ano de publicação este nosso prezado colega, motivo por que lhe endereçamos as nossas felicitações, com votos de muitas prosperidades.

## EM CASTRO MARIM

RETEJOU-SE O ENGERRAMENTO DE UM CURSO

DE CORTE E BORDADOS OLIVA



Durante a sessão solene

## O VALOR DA SARDINHA

NA NOSSA LOTA

EM Maio findo, segundo a revista «Conservas de Peixe», o valor da sardinha nas lotas do Algarve, destinada a conserva, foi o seguinte: Vila Real de Santo António, 5559; Lagos, 4548; Portimão, 4547 e Olhão, 4556, o quiló.

A nossa lota, como se verifica, foi a que registou cotação mais elevada, só tendo sido ultrapassada pela lota de Setúbal, onde a sardinha obteve o preço de 5559. De todas as lotas portuguesas foi a de Olhão a mais baixa, seguida da de Lisboa, onde a sardinha se cotou a 4544.

E ainda há quem se queixe de obter baixo preço na nossa lota!

## O JORNALISMO

## E A CULTURA NACIONAL

Por N. RODRIGUES PENA

OS escritores srs. Amorim de Carvalho e António José Saraiva, em artigos publicados, respectivamente, no «Diário de Lisboa» e «Comércio do Porto», trataram duma questão que se nos afigura de primordial importância para o desenvolvimento e prestígio

da cultura nacional. Todos os que se interessam pelo desenvolvimento cultural do nosso país, todos os que têm um elevado apreço os problemas nacionais, não podem ficar indiferentes à matéria versada nesses artigos oportu-

(CONCLUÍ NA 2.ª PAGINA)

AS CRÓNICAS antigas e modernas falam da gente de Olhão com relevo e simpatia. Folheando a História, nas suas páginas fulgentes, surgem esses tipos marcados pelo heroísmo, pela valentia ou pelo patriotismo.

Sabe-se da fuga de D.

João VI, sua esposa e seus áulicos, para o Brasil, e também do grito de liberdade dos olhanenses, e dum punhado de marinheiros que foram levar a nova da libertação ao fraco rei, que não fez fraca a forte gente.

Nas lutas guerreiras entre D. Pedro e D. Miguel, também a sua actuação se fez sentir e oscilar o fiel da balança para o lado dos liberais. Na proclamação da República, nos momentos hesitantes da vitória, um filho de Olhão desembainhou a espada e deu um

Por MARCOS ALGARVE

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

## A CAMINHO DE SAGRES

## MARINHEIROS E PESCADORES

golpe decisivo na abordagem de um navio de guerra fundeado no Tejo — o oficial da Armada José Carlos da Maia.

E de tantos outros, cujos feitos ficaram na sombra, se podiam traçar biografias no-

## VALORES ECONÓMICOS DA PROVÍNCIA

## A ALFARROBA, SEU EMPREGO

E SUA VALORIZAÇÃO INDUSTRIAL

Pelo Dr. A. DE SOUSA PONTES

SEGUNDO os registos da Junta Nacional das Frutas, que condiciona o comércio externo dos frutos secos, a exportação da alfarroba para o estrangeiro, ultramar e ilhas adjacentes, foi o seguinte, em 1953:

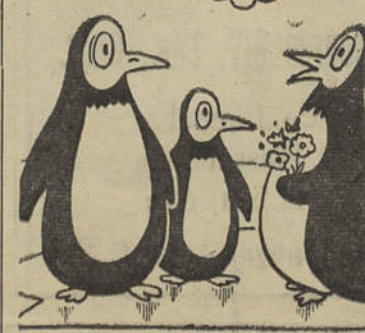
Alfarroba exportada	Contos	Toneladas	Valor / Kg.	Destino da exportação		
				Países	Contos	Tonel.
Corrente (inteira)	18	11	1564	Inglaterra	11.606	9.028
				Itália	4.272	2.837
				Holanda	5.002	1.396
				E. U. América	2.709	279
Triturada	19.903	15.419	1529	Suíça	2.435	584
				Irlanda	1.913	1.451
Grainha inteira	6.137	1.522	4505	Bélgica	1.636	1.233
				França	389	194
				Alemanha	553	148
Germen de grainha	220	40	5350	Mar. francês	220	40
				Diversos	508	56
Totais	29.244	17.216	1370		29.244	17.216

Em vez do valor de exportação médio de 1570/kg., o Relatório do Grémio dos Exportadores de Frutos do Algarve informa que o valor de aquisição foi de 1510/kg.

Além destas 17.216 toneladas, diz o mesmo Relatório que o mercado interno, não algarvio, absorveu 12.530 toneladas no ano fin-

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

## O RISO DA SEMANA



Cerimónia polar. — Tenho a honra de pedir a barbatana de sua filha...

## Noticias do Algarve

Aos nossos estimados colegas «Comércio de Portimão» e «Notícias da Beira», agradecemos penhoradamente as amáveis referências que se dignaram fazer a propósito do 1.º aniversário deste jornal, bem como as felicitações que nos apresentaram.

## Notícias PESSOAIS

### Partidas e Chegadas

Encontra-se em Santiago de Compostela, o nosso prezado amigo e assinante, sr. Dr. Humberto Sérgio de Brito Avó, que foi assistir ao Congresso Internacional de Pediatria que está a realizar-se naquela cidade espanhola.

A passar as férias encontra-se nesta vila o estudante de medicina e nosso estimado amigo, sr. Fernando Leonel Viegas Al'vares.

Retirou para Lisboa, onde foi passar alguns meses em casa de seus sobrinhos a sr.ª D. Rosa Filipe Machado.

Encontra-se nesta vila, de visita a seu sobrinho, sr. António Peres Correia, a sr.ª D. Amália Rodrigues Peres, residente em Loulé.

Com curta demora, tivemos o prazer de cumprimentar nesta vila, o nosso conterrâneo e colaborador, sr. José Barão, distinto jornalista em Lisboa.

Esteve em Lisboa tendo já regressado a esta vila, o nosso prezado assinante e amigo, sr. Júlio Mendes.

Tivemos o prazer de cumprimentar na nossa redacção o nosso colaborador e grande amigo, sr. Manuel dos Santos Cabanas, que veio passar alguns dias a casa de seus pais, em Vila Nova de Cacela.

Foi passar alguns dias a Portimão, acompanhada de sua filha, a sr.ª D. Judite Cruz Machado, esposa do nosso prezado assinante, sr. Virgílio Ramos Machado.



## Agradecimento

A família de Virgília da Assunção M. Fernandes, na impossibilidade de agradecer pessoalmente a todas as pessoas que lhe enviaram a expressão do seu pesar e ainda as que a acompanharam á sua última morada, vem por este meio apresentar os seus agradecimentos.

## Café Comercial

Completamente remodelado reabriu no passado dia 10, sob a direcção do sr. Julio Baptista Mateus, o Café Comercial, com um esmerado serviço de Restaurante, continuando assim a manter as suas tradições de bem servir os seus clientes.

A sua reabertura foi festejada com a cooperação da Orquestra «Ibérica».

## Visado pela Comissão de Censura

**EXCELSIOR**

As melhores tintas para navios de pesca e comércio

**TINTAS PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL**

Depositário nesta Vila:  
**MANUEL DA SILVA DOMINGUES**  
Avenida da República  
— Telefone 12 —

# O JORNALISMO E A CULTURA NACIONAL

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

nos. E' realmente desanimador verificarmos um abandono das nossas mais legítimas tradições culturais, para nos dedicarmos a questões que não possuem quaisquer afinidades com os nossos verdadeiros problemas. E' lamentável, também, que o desprezo das nossas coisas conduzam os grandes jornais a preferir a colaboração de escritores e jornalistas estrangeiros à colaboração dos nossos escritores que, como é óbvio, estão muito mais aptos a tratar dos problemas que só a eles lhes dizem respeito e só eles poderão estudar com o conhecimento directo que os problemas exigem. Mas, como anota o sr. Dr. António José Saraiva, nos artigos que surgem com grande frequência nos órgãos da grande imprensa, nem se cura dos nossos problemas, impondo-nos uma literatura tecida de mirabolâncias, com que, francamente, nós, leitores portugueses, nada lucramos. Já há tempos, numa página literária, certamente em resposta a um reparo de qualquer leitor, se falava que dada a carência de valores nacionais, a redacção se via obrigada a inserir colaboração de nomes estrangeiros. Esta ideia expressa é inteiramente falsa, pois não só existem na nossa terra valores suficientes e capazes de desenvolverem uma boa acção cultural, como os nomes que firmam os artigos surgidos nos jornais não têm aquela reputação que alguns lhes atribuem.

A cultura de qualquer povo deve ser profundamente nacional, enraizar-se no solo do seu país, prender-se às mais sãs e fecundas tradições do seu povo. Uma cultura que volta as costas aos problemas do seu próprio país, arrisca-se a cavar a sua própria ruína, senão a sua própria sepultura. Certamente que a cultura dum povo necessita de ser vivificada pelo intercâmbio de outras culturas, fecundada pela experiência e conhecimentos doutros povos. Mas isto não invalida a importância duma cultura nacional manter e conservar as suas tradições, o carácter profundamente nacional, sem desprezar toda a experiência válida que nos pareça útil ao nosso caso nacional; nós, portugueses, devemos conservar a nossa independência perante os problemas que só a nós nos interessam e só a nós nos dizem respeito. Ora, não é segredo para ninguém que este aspecto fundamental da nossa cultura se encontra no tanto descurado. Hoje, lê-se muito mais o «Reader's» do que qualquer revista portuguesa; discute-se mais um Steinbeck do que um Ferreira de Castro, um Hemingway mais do que um Aquilino. Alega-se, sem qualquer fundamento, que não

possuímos jornalista à altura, que só possuímos escritores mediocres e, pelo que nos é dado observar nas produções publicadas nos nossos diários, não conseguimos ver qual a superioridade desses estrangeiros sobre os nossos escritores e jornalistas. Será que o abastardamento das nossas coisas nos leve a aceitar que vivemos numa terra tão ingrata onde todo o florescimento do talento é impossível? Ora, toda a nossa tradição cultural se ergue a acusar o absurdo de tal afirmação.

Se é certo que os santos da casa não fazem milagres, parece que já é tempo dos orientadores da grande imprensa abrirem as suas colunas aos portugueses que desejem prestar a sua colaboração, tratando das questões que possam interessar a nossa gente.

Os jornalistas e os escritores não surgem espontaneamente, a não ser que lhes dêm oportunidades e os naturais estímulos para desenvolverem todas as suas aptidões e qualidades. E isso não se faz. Por isso mesmo se afirma, injustificadamente, que não temos escritores nem jornalistas capazes; por isso se cria, voluntária ou involuntariamente, a falsa crença de que somos um povo de nulidades, um povo que anda á deriva dos outros.

Não é demais insistir na necessidade de dar o devido apoio a todos os jovens que, pelos méritos, que venham a revelar, alguma coisa de útil tenham a comunicar ao público. Só através do estímulo os jovens poderão interessar-se pelos problemas nacionais, procurando estudá-los e aprofundá-los. Os nossos maiores escritores, um Herculano, um Eça, um Oliveira Martins, um Ramalho, um Fialho, passaram pelo jornalismo, e não é descabido dizer que foi na escola do jornalismo que esses homens se iniciaram na carreira das letras. O sr. Dr. António José Saraiva, ao lembrar estes factos no seu artigo, prestou um bom serviço á cultura portuguesa. Mesmo que os escritores e os jornalistas estrangeiros mostrassem essa superioridade que se lhes atribui, coisa em que nós não acreditamos, na nossa opinião os jornalistas e escritores nacionais deviam ter a preferência nos jornais portugueses. Usando desse critério, estamos certos, novos valores se revelariam, contribuindo assim para o enriquecimento da cultura Nacional.

RÓDRIGUES PENA

## A importação de atum fresco

Da prestigiosa revista «Conservas de Peixe» transcrevemos o artigo intitulado «A importação do atum fresco», que publicamos no outro local, e onde se agita um problema fundamental para a nossa indústria. Transcrevendo-o, com a devida vénia, aplaudimo-lo incondicionalmente.

## POMBO CORREIO

Comunica-nos o nosso solicito correspondente em Alcoutim, que se encontra em poder do sr. José Manuel Dárdio Godinho, tesoureiro da Fazenda Pública naquela vila, um pombo correio, que ostenta uma anilha com a seguinte inscrição: «Portugal 52-049147». O referido pombo será entregue a quem provar pertencer-lhe.



## PROVINCIA

### VILA NOVA DE CACELA

#### Sociedade Columbófila Cacelence

Proseguindo o cumprimento do seu calendário, realizou esta sociedade mais uma prova Monção-Vila Nova de Cacela, que teve o seguinte resultado:

1, José Francisco Pereira; 2 e 3, João Guerreiro Madeira; 4, António Gil Batista; 5, Fernando Silva Barbosa; 6, 8 e 9, Luís Sequeira; 7, Manuel Guerreiro Rosa Mendes e 10, José Peres. — e.

### O Problema das Comunicações

#### Ferrovíarias

(CONCLUSÃO DA 4.ª PAGINA)

do Algarve, que serve a chamada via Beja; que diminua velocidades, concedendo mais paragens aos comboios, para servir um maior número de estações; e muitas outras medidas de carácter económico, filhas da situação difícil que se atravessa.

Por estes motivos, não é crível, pois, que a C. P. possa lançar um comboio rápido diário, de carácter permanente, que ligue, em poucas horas, Lisboa ao Algarve, ou, mesmo, que possa passar para diário o semidirecto que hoje se faz trisemanalmente, porque isso aumentaria de forma considerável o percurso e, por, consequência, o consumo de combustível, sabendo, de antemão, que a receita de qualquer destes comboios diários não cobriria a sua própria despesa.

O problema de ligação, por meios rápidos, da Capital com o Algarve, a nosso ver, só poderá ser resolvido com composições motorizadas, semelhantes às do «Foguete», que circulam entre Lisboa e Porto, mas não cremos que a Empresa que explora os caminhos de ferro vá propositadamente adquirir este material, que exige o emprego de enormes capitais, para o resolver.

Como já dissemos, o problema só poderá ser resolvido pela acção directa do Estado, com a utilização dos enormes capitais indispensáveis para desenvolver e modernizar os caminhos de ferro, segundo as necessidades actuais da Nação.

Manuel de Cacela

### PORTIMÃO

#### Teatro

No passado dia 2, realizou-se, no Cine-Teatro um espectáculo teatral promovido pela Companhia do Teatro Apolo, em tournée, com a revista «A Rosinha dos Limões», da qual faz parte a popular artista Hermínia Silva.

#### Atrações dos Santos Populares

Durante as Festas dos Santos Populares, nesta cidade, tivemos a visita de vários artistas da Emissora Nacional, entre eles, Maria Adalgisa e José António, bem como o conjunto «A Mocidade a cantar», do qual era figura principal o grande tenor Luís Piçarra. Actuaram ainda, Artur Ribeiro e Rui de Mascarenhas, o Grupo Folclórico de Alte e o de Lagos.

Pouco mais houve digno de registar... — e.

### LUZ DE TAVIRA

#### Festa do Coração de Jesus

No primeiro domingo de Julho, realizou-se nesta freguesia, com o maior brilho e esplendor a festa do Coração de Jesus e a primeira comunhão das crianças.

De tarde, fez-se a consagração ao Sagrado Coração de Jesus e organizou-se a procissão.

Todos os actos foram muito concorridos.

A direcção do Centro do Apostolado da Oração preparou com todo o esmero e dedicação a igreja e ofereceu o almoço aos neo-comunhantes. — e.

### CAFÉ COMERCIAL

— DE —

#### JÚLIO BAPTISTA MATEUS

Telefone 125

MAGNÍFICAS SANDUÍCHES

SABOROSAS TAPAS

SERVICO DE RESTAURANTE

Servem-se celas até ás

4 horas da madrugada

Rua Cândido dos Reis

Vila Real de Santo Antonio

## SONETO

Ah! coração, meu coração sem rumo,  
Porque nasceste assim, rubro e ardente?  
Amar? — Amar é para ti somente  
Fogo que queima e se dilui em fumo.

E das-te todo, apaixonadamente!...  
E eu vendo-te feliz, divago... durmo...  
Ah! coração, meu coração sem rumo  
não seres tu uma pedra que não sentel...

Quanto febril anseio contiveste!  
Quanto gesto de afago em vão sonhado!  
Quanto beijo de amor que nunca deste!

E tudo pelo vento foi levado!...  
Pobres sonhos doirados que teceste  
Perdidos nos escombros do passado!...

HORTENSE MARQUES

## BAGÃO, NUNES & DUTSCHMANN, L. DA

### AGENTES DE NAVEGAÇÃO

com carreiras regulares de Lisboa, Leixões e Algarve para os portos do Mediterrâneo, Levante, Norte de África e Norte da América

PRAÇA DO MUNICÍPIO N.º 32-2.º Esq.

Telefones n.º 27.689 e 30.700

Telegramas: DUNES

LISBOA

## AGENDA

### MOVIMENTO DA LOTA

de Vila Real de Santo António

De 2 a 8 de Julho de 1954

#### TRAINEIRAS

Brisa . . . . .	106 330\$00
Lola . . . . .	69.170\$00
Leste . . . . .	66.865\$00
Novo S. José . . . . .	64.855\$00
Sam Domingos . . . . .	55.945\$00
Costa d'Oiro . . . . .	54.870\$00
Pérola do Guadiana . . . . .	54.095\$00
Norte . . . . .	54.090\$00
Agadão . . . . .	52.935\$00
Maria Rosa . . . . .	52.170\$00
Raulito . . . . .	48.665\$00
Deolinda Rita . . . . .	48.440\$00
Flor do Sul . . . . .	45.500\$00
Farihão . . . . .	43.320\$00
Carmela . . . . .	41.600\$00
Costa Azul . . . . .	40.520\$00
Lá Rose . . . . .	39.050\$00
Infante . . . . .	37.575\$00
Milita . . . . .	37.150\$00
Nice . . . . .	36.240\$00
Arrifana . . . . .	35.820\$00
Levante . . . . .	33.780\$00
Flor do Guadiana . . . . .	30.105\$00
Alvarito . . . . .	29.740\$00
Pérola de Lagos . . . . .	27.960\$00
Trio . . . . .	24.390\$00
Sol . . . . .	23.510\$00
Boreal . . . . .	23.500\$00
Tufão . . . . .	23.150\$00
Restauração . . . . .	22.190\$00
Mirita . . . . .	21.675\$00
Sol Nascente . . . . .	19.870\$00
Brisa . . . . .	19.220\$00
Liberta . . . . .	14.950\$00
Jomanel . . . . .	14.580\$00
Sr.ª da Piedade . . . . .	14.170\$00
Persistente . . . . .	12.935\$00
Carlos Fernando . . . . .	12.500\$00
Cristina Leote . . . . .	9.870\$00
Flora . . . . .	8.690\$00
Gracinha . . . . .	8.440\$00
Praia do Vau . . . . .	8.380\$00
Janita . . . . .	7.830\$00
Maria Benedito . . . . .	7.770\$00
Borges do Rêgo . . . . .	5.580\$00
Portugal VI . . . . .	3.570\$00
Noroeste . . . . .	3.130\$00
Oeste . . . . .	1.230\$00
Pérola do Oceano . . . . .	480\$00
Total . . . . .	1.518.420\$00

#### CÉRCOS

Amazona . . . . .	77.955\$00
Azevedos . . . . .	26.570\$00
Portugal V . . . . .	26.300\$00
Portugal I . . . . .	25.370\$00
Novo Machado . . . . .	18.225\$00
Futuro de Olhão . . . . .	8.530\$00
Total . . . . .	182.950\$00

#### Atum da costa Algarvia

48 Atuns . . . . .	60.100\$00
6 Atuarros . . . . .	4.350\$00
2 Albacoras . . . . .	750\$00
Total . . . . .	65.200\$00

### Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António de 2 a 9 de Julho:

#### Entrados:

FAUSTITA, Espanhol, de 38 ton., de Tânger, com atum fresco.  
ROLANDSECK, de 857 ton., com folha de Flandres, de Antuérpia.  
TERCEIRENSE, de 1295 ton., de Lisboa, com carga em trânsito.

#### Saídos:

FAUSTITA, Espanhol, para Cadiz, vazio.  
COSTEIRO, Português, com minério, para Lisboa.  
ROLANDSECK, com conservas, para Antuérpia e Roterdão.

#### FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 10 a 16 de Julho a Farmácia SILVA, Rua Miguel Bombarda - Telefone 64.

## Sociedade Industrial de Vassouras SIV, Lda., Suer.

Fábrica de Vassouras de Piassaba e Palma — Escovas de Piassaba — Escovaria fina — Pincelaria fina, etc.

Teleg. SIV — S. JOÃO DA MADEIRA (Portugal) — Telef. 38

## Hóquei em Patins

Académico, 4 — H. C. Vila Real, 4

Em jogo de preparação para a disputa da taça «Oliveira e Costa», cuja primeira jornada se realizou ontem em Faro, defrontaram-se na passada quarta-feira no Parque dos Bombeiros desta Vila, as equipas locais do Académico Hóquei Clube e do Hóquei Clube de Vila Real.

Sob a arbitragem do sr. Joaquim Ribeiro, os grupos alinharam:

**Académico:** Cílio, Ruivo, Campinas, José Luís, Pescada e Marques.  
**H. C. de Vila Real:** Munhoz, Rolla, Primitivo, Faisca, Salvador e Coelho.

O jogo despertou entusiasmo na assistência pelas constantes e equilibradas, alterações do marcador.

Ao intervalo o resultado estava em 2-2, tendo sido o primeiro gol marcado por Faisca. Campinas, porém, igualou pouco depois, numa das suas características fugas plenas de energia.

Coelho desempatou com um remate colocado mas o Académico H. C. não demorou a estabelecer novo empate, alcançado por José Luís que aproveitou um bom trabalho de Marques.

Após o reatamento do jogo, Ruivo e Campinas conseguiram mais dois tentos para a sua equipa e Coelho e Faisca marcaram para o Académico.

Resultado justo, atendendo ao equilíbrio verificado.

Ambas as equipas tiveram trabalho inferior em relação à sua toada média.

O jogo era de preparação e, parece-nos, devia ter prevalecido a ideia do aperfeiçoamento da técnica individual e do trabalho de movimentação global das equipas. Todavia, ao invés, dominou por demais o pensamento no triunfo e daí resultou muita energia, muitos esforços individuais, muitos choques, mas pouco conjunto e pouca coordenação de movimentos.

Estamos certos que os simpáticos hóqueistas vilarealenses saberão compreender o seu erro e orientar os seus treinos no sentido de melhorarem as suas possibilidades individuais, sem esquecerem de as subordinar às necessidades colectivas da equipa.

**Cavaleiro Andante, 4-Académico, 1**

Antes de o encontro de fundo entre o Académico e H. C. de Vila Real, defrontaram-se duas equipas de jogadores de «palmo e meio» que, revelando as suas habilidades para a prática do hóquei sobre rodas, evoluíram no rectângulo de jogo com graça e entusiasmo.

**Cavaleiro Andante:** Rosa, Juca, Pires, Pedro, Bandeira e Miguel.

**Académico:** Dezidério, Alves, Victoriano, Xavier, Noy e Luís Manuel.

Pedro (B) e Pires marcaram pelos vencedores e Victoriano pelos vencidos.

A equipa vencedora denunciou mais ligação entre os seus elementos mas os componentes do Académico souberam perder com honra e dar sempre réplica animosa.

**Taça «Oliveira e Costa»**

Realizou-se ontem à noite em Faro a primeira jornada para disputa da Taça «Oliveira e Costa». O Académico H. C. defrontou a União Desportiva Farense e o Hóquei C. de Vila Real mediu forças com o Sport Lisboa e Faro. No próximo número falaremos desses jogos.

O torneio acabará no dia 31 deste mês, data em que será entregue a taça aos vencedores.

A conhecida patinadora Edite Cruz executará nesse dia alguns números de patinagem artística.

A seguir damos o calendário dos restantes jogos:

**Dia 17:** Imortal-União e Sport Lisboa e Faro-Académico.

**Dia 21:** Imortal-Hóquei Clube V. R. e Sport Lisboa e Faro-União.

**Dia 24:** Imortal-Académico e União-Hóquei Clube Vila Real.

**Dia 31:** Hóquei Clube V. R.-Académico e S. Lisboa e Faro-Imortal.

# DESPORTO FUTEBOL

## O Torneio Popular e os seus males

O TORNEIO Popular de Futebol inter-sócios, organizado este ano pela própria direcção do Lusitano F. C. não chegou ao seu termo.

A Comissão dirigente, em face da continuação de lamentáveis factos de ordem disciplinar, resolveu por bem fazer cessar um torneio que, mal compreendido e interpretado por diversos sectores (público, jogadores, árbitros, etc.) estava a ser adulterado na verdadeira finalidade para que fora criado.

Pertencemos ao número dos maior simpatizantes do Torneio, em virtude do que somos, simultaneamente, dos que mais lamentam o seu desvirtuamento e as cenas desagradáveis que ele tantas vezes tem proporcionado.

Os torneios populares da nossa Vila têm ocasionado espectáculos tão deprimentes que não falta já quem opine a necessidade de acabar com eles de vez. Não podemos concordar com tal maneira de resolver situações, apesar de sentirmos também grande repulsa por tais actos tão pouco edificantes.

Não é difícil apercebermo-nos das grandes vantagens que estes Torneios poderiam emprestar ao futebol vilarealense, desde que se desenrolassem convenientemente. Pois se eles mesmo mal servidos e deficientemente orientados, têm rendido bons frutos...

O facto de os Torneios não decorrerem no ambiente desejado e não apresentarem as características ideais, não quer dizer que se deva condenar a sua existência. Se há erros a evitar de futuro e coisas a corrigir, a tarefa consistirá em evitar a repetição desses erros e melhorar o que carecer de aperfeiçoamento. E os vários torneios já realizados concederam experiência de sobra para nos mostrarem os pontos que necessitam de rectificação.

Se quisermos apontar as origens dos males de que enfermam os Torneios, apontaremos os jogadores, o público, os árbitros, alguns dirigentes dos clubes populares e a própria Organização, sem falarmos, é claro, da falta de educação desportiva que afecta o panorama geral e donde resulta todo o manancial de inconveniências que se têm presenciado.

Falemos em primeiro lugar dos jogadores, pois a eles atribuímos as principais responsabilidades dos maus tratos que têm vitimado estas provas que deviam ser escolas de bom desportistas.

Tem-se verificado, infelizmente, em todos os torneios, a existência de um pequeno grupo de indivíduos que, sem respeito pelos outros nem por eles próprios, teimam em confundir o rectângulo de jogo com arenas propícias a selvagens manifestações, acabando por arrastar outros que não tomariam por si a iniciativa de infringir o código das boas maneiras.

Preconizamos sempre o afastamento dessa meia dúzia de «ovelhas ranhosas». Se tivéssemos sido ouvidos não haveria agora lugar para

lamúrias, visto que tudo quanto de mau sucedeu foi, única e exclusivamente, por culpa dos tais prevaricadores habituais.

O público nem sempre tem compreendido que os torneios populares são disputados por jovens que devemos estimular à prática do jogo na base da correcção, lealdade e respeito.

Esqueceu isso para, algumas vezes, agravar situações criadas pelos erros dos árbitros e pela falta de compostura da tal meia dúzia de cavalheiros.

Quanto aos árbitros: Se, sob o ponto de vista técnico, pouco mais se poderia exigir do elenco de arbitragem, no tocante a firmeza de manutenção para o cumprimento das suas ordens e respeito pelas suas decisões, muito mais se podia e devia esperar. Excepção feita a um árbitro desse elenco, os demais foram excessivamente brandos, tanto no campo como na execução dos seus relatórios, dos quais muitas vezes nada constava das cenas mais desagradáveis.

Certos dirigentes de clubes populares também têm a sua cota parte nas responsabilidades do mau decorrimto dos torneios.

Os dirigentes dos clubes deviam ser verdadeiros mentores do Ideal Desportivo ou, pelo menos, esforçados inculcadores dos princípios mais basilares da educação cívica. Disciplinar, educar, corrigir devia ser a sua principal tarefa. Infelizmente, porém, existem dirigentes em alguns desses simpáticos clubes que estão longe de possuir o mínimo de qualidades necessárias para esse trabalho.

A comissão organizadora do torneio deste ano viu na sua frente muitas dificuldades criadas e robustecidas pelos seus antecessores em matéria disciplinar. Para mais, não pôde contar (como as outras comissões também não contaram) com um número de árbitros capazes de auxiliar o seu intento de realizar um torneio ordeiro.

A comissão, certamente no desejo de levar as coisas a bem sem fazer muito sangue, cometeu o erro de não afastar, imediatamente à primeira transgressão, os principais fomentadores da indisciplina, os tais que têm os seus nomes bastante ligados às páginas mais tristes dos anteriores torneios.

Além disso, houve excessiva temporização, aplicando-se simples repreensões registadas a reincidentes de faltas graves e castigando-se com penas relativamente leves jogadores que não eram dignos de indulgência.

Deste modo, com a presença de jogadores indignos do nome de Desportistas; com um público pouco compreendedor; com árbitros muito tibios; com dirigentes particulares pouco capazes; e, finalmente, com uma Comissão Organizadora que, apesar da sua boa vontade, revelou muita brandura — terá, e terá, forçosamente, de se originar torneios que sejam desvirtuados nas suas finalidades.

## BASQUETEBOLO

No sábado passado realizaram-se em Olhão, no campo do Clube Desportivo «Os Olhanenses», três encontros, um dos quais de carácter amigável entre os infantis dos Olhanenses e da Casa dos Rapazes de Faro, vencendo os primeiros.

### Campeonato Nacional de Júniores

Realizou-se em Olhão a meia final do Nacional de Júniores, pelas 21 horas no passado sábado. Venceram com todo o merecimento os barreirenses frente aos Olhanenses por 32-28.

Os grupos alinharam e marcaram: **Olhanenses:** Rui (3), Casaca, Pitó (12), Hernani (9), Serro (4), Relvas e Emiliano.

**Barreirense:** Ferreira (9), Macedo (9), Azevedo (4), Pereira (6) e Leonel (4).

Arbitrou a partida o sr. Romeu da Costa Graça.

Os olhanenses bateram-se galhardamente, não se intimidando com o «nome» do adversário, replicando com brio e discutindo até, por vezes, de modo a superá-lo em lances, que por muito repetidos, pertencem normalmente à turma do Barreiro.

Os olhanenses transcenderam-se. Compreenderam que o momento que se lhe deparava — chegar à meia final da Taça — só dificilmente se renova e por isso jogaram com alma e coração, a sua cartada.

Com a vitória do Barreirense este tem que jogar a finalíssima com a Associação Académica de Coimbra. Os olhanenses foram bons finalistas.

Pena foi o público ter censurado a actuação do árbitro. Perderam os locais e só o árbitro é que tem a culpa da derrota. Não olhem para a categoria indiscutível do adversário.

Pode ter havido um ou outro deslize do juiz, mas, no conjunto, o seu trabalho merece boa classificação.

### Ginásio, 41 — Olhanenses, 29

Para o Campeonato Nacional da II Divisão, Zona Sul-B, realizou-se o jogo entre os campeões da série A e B, para apuramento ao Nacional. Arbitrou a partida o sr. José Rosa Nunes, e as equipas alinharam e marcaram:

**Olhanenses:** Azinheira (9), Serano (9), Dias, Simões (5), Amaro (6), Madeira, Cativo e Canha.

**Ginásio:** Bruno, Luz, Romeu (5), Fernandes (15), Bento (2), Gilberto (2), Vicente (8), Pinto (7) e Neto (2).

O jogo foi disputado com bastante entusiasmo visto haver muita rivalidade entre ambas as equipas. Venceu com toda a justiça o Ginásio e salientaram-se José Fernandes e Neto. Nos olhanenses Madeira e Amaro foram os melhores. A arbitragem agradeu imenso.

## TORNEIO POPULAR DE FUTEBOL

No passado domingo realizou-se em Olhão, no Estádio Padinha a 8ª jornada do torneio popular. Disputa-se a taça do conhecido desportista José Abraão da Palma e os jogos estão a ser presenciados por enorme público e com a colaboração de jogadores de grande futuro. Encontram-se em primeiro lugar o Unidos e a Cuf, respectivamente da zona A e B.

Os resultados verificados foram os seguintes: Serpa Pinto 0-Unidos 7; Cuf B-União 0; Vasco da Gama 0-Estrela 1; Moncarapacho 0-Sport Lisboa 2.

**Herculano Valente**

Ver no próximo número: **Entrevista com o conhecido internacional de futebol FERNANDO CABRITA**

**Martinho Rita Bexiga**  
CAMIONETAS DE ALUGUER  
Telef. 244 • OLHÃO  
Agradece qualquer consulta sob fretes, ao que pode atender a qualquer hora do dia ou da noite.

**ESCOLA AUTOMOBILISTA DE TAVIRA**  
TELEFONE 101  
**MANUEL TAVARES**  
Seu proprietário é instrutor, informa que inicia no dia 2 de Julho, a instrução para conduzir carros ligeiros e pesados todas as sextas-feiras, sábados e domingos.  
Uma oportunidade para todas as senhoras e cavalheiros puderem conduzir automóveis.  
Para referências e marcações:  
**JOÃO VASQUES**  
Rua Miguel Bombarda, 65 - Vila Real S. António

*Holland-America Line*

AGENTES GERAIS  
**CARLOS GOMES & C. L.ª**  
4, L. VITORINO DAMÁSIO — LISBOA  
TELEF. 68087 (3 LINHAS)

SERVIÇO REGULAR MENSAL

Para HAVANA, VERA CRUZ, COATZACOALCOS, TAMPICO, NEW ORLEANS, MOBILE, Ala., HOUSTON E GALVESTON

O vapor rápido  
**“ANDYK”**  
carrega em LISBOA em 26 de JULHO

Carreira regular de Lisboa ou portos do Algarve, via Rotterdam para Cristobal, Los Angeles, San Francisco, Victoria, Vancouver, Seattle e Portland

Partida de Rotterdam:  
**« ABBEDYK » — 20 de Julho**

**MOTORES MARÍTIMOS, INDUSTRIAIS E ELÉCTRICOS**

GRUPOS MOTO-BOMBAS PARA REGAS  
**ELECTRO BOMBAS PARA REGAS, PARA EXTRACÇÃO DE ÁGUA A TODAS AS PROFUNDIDADES**  
DRAGAS PARA EXTRACÇÃO DE ÁGUA EM POÇOS PROFUNDOS  
FERRO PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL E CHAPA DE FERRO  
CANTONEIRAS, TUBAGENS DE FERRO, ETC.  
CIMENTO, MANILHAS E SIFÕES EM BARRO  
BETONEIRAS, MISTURADORES E TRITURADORES PARA CEREAIS  
Lubrificantes «CASTROL» para todos os fins  
Pneus «MICHELIN» Chupadores de borracha e mangueiras  
EXTINTORES DE INCÊNDIO, FERRAMENTAS, ETC., ETC.

Para o seu caso consulte sempre a:  
**Agência Comercial e Marítima do Sul**  
Telefone 76 VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

**Cine-Foz**

Hoje, pelas 21,30 horas, apresenta a grandiosa epopeia, em technicolor, *O Pirata Vermelho*, com Burt Lancaster e Eva Bartok. Um espectáculo cheio de ternerias aventuras e violentas tragédias que ensangentou o mar, cobriu a terra e se elevou ao céu...

Espectáculo para indivíduos com mais de 13 anos.

Quinta feira, 15 de Julho, uma produção franco-italiana *Amantes de Toledo*, com a actriz italiana Alida Vali e o grande actor mexicano Pedro Armendariz. Um filme de acção, de amor, de ódio e de aventuras, extraído da famosa obra de «Stendahl», recentemente exibido em Lisboa.

Uma mulher amada apaixonadamente por dois homens, mas qual ama ela verdadeiramente? O filme desenrola-se numa das mais belas cidades de Espanha.

Espectáculo para maiores de 18 anos.

Se V. Ex.ª visitar em PORTIMÃO o Salão de Chá e Pastelaria

**SALOMÉ**

a mais luxuosa e confortável de Algarve, terá a certeza de poder adquirir, além do mais fino doce de pastelaria, o melhor, o mais artístico e o mais regional doce do Algarve

R. Dr. José J. Nunes, n.º 4-A, 6 e 8  
Telef. 85 PORTIMÃO

**Empregado**

Preocupa-se com prática de DROGARIA e FERRAGENS.  
Tratar na Redacção deste jornal.

**Vende-se**

Um BARCO em bom estado  
Modelo WAICLIC  
Semelhante ao Snip  
MUITO BARATO  
Informa a Redacção deste jornal

**DINHEIRO**

S/ HIPOTECA EM QUALQUER PONTO DO PAÍS  
6% Longo prazo  
PRONTO SOCORRO FINANCEIRO  
RUA RODRIGUES SAMPAIO, 19, 3.º-B - TEL. 46669

**RELÓGIOS**

O MAIOR SORTIDO  
As melhores marcas  
A MELHOR GARANTIA  
Os mais baixos preços  
**RAMOS & MATEUS**  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

**DESPORTISTAS!!!**

LEVAI A TODA A PARTE A FAMA DO VOSSO CLUBE, USANDO CHAPÉUS COM O SEU NOME E EMBLEMA!!!

à venda nas boas chapelarias

Fábrica Condestável  
S. JOÃO DA MADEIRA

**DOENÇAS DA PELE**

SÓ TRÊS DIAS DE TRATAMENTO COM

**PRODERMA**

DEPOSITÁRIOS:  
**Drogaria Rodrigues da Silva, L.ª**  
**COIMBRA**

# A CAMINHO DE SAGRES

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

táveis, episódios de bravura, rasgos de coragem e filantropia.

Domingos Maria, por exemplo, foi um desses marinheiros destemidos que subia a pulso pela tralha da vela grande até ao penol da verga; e no Estreito de Gibraltar, com o seu caíque desfeito pelo temporal, tentou salvar dois filhos nos seus braços de hercules...

Horas depois, foi salvo com um dos filhos, pois a tormenta levava-lhe o outro, e o seu desgosto não se descreve!

E Joaquim Lopes, o patrão do salva-vidas de Paço de Arcos? Outro filho de Olhão que salvou numerosas vidas e cuja existência daria um poema digno de Homero ou de Camões! Tomaz Ribeiro, príncipe do Romantismo, ainda o cantou em belos alexandrinos.

Olhão vive na alma dos seus filhos como um claro distante, chama diluída na penumbra do tempo, estrela de alva a romper as sombras que a envolvem...

\*\*\*

Foi na primeira semana dum longínquo mês de Julho. Dia claro e sol ardente. O caíque «Flor de Maria», propriedade do armador Francisco Bento, pai, saíra na véspera, por ser uma sexta feira.

A gente marítima, nesse tempo, não largava para as viagens nem à terça nem à sexta feira. Dias aziagos, com malefícios e bruxedos, em que o Diabo ameaçava todos...

O tio Joaquim Derreado, um vizinho, prometeu a minha mãe levar-me para S. Martinho do Porto, lustroso e roliço, como um peró daquela região do Norte.

O tio Joaquim não me era nada, mas, em Olhão, entre marinheiros e pescadores, imperava o velho hábito de chamar a uns o mano Zé, o mano João, e a outros o tio Manel ou o tio Joaquim.

Desta costumeira de camaradas, os mais velhos, em sinal de respeito, eram familiarmente tratados de manos e de tios.

O fito comercial da viagem era levar cavala salgada para Peniche e S. Martinho, e trazer para Olhão o famoso e saboroso peró de S. Martinho.

Eu ia como passageiro, consignado ao meu tio José Gomes Tavela, comerciante, que vivia bem, casado e sem filhos. Minha mãe nutria por aquele irmão mais velho um profundo respeito, e uma vez que veio a Olhão, sendo eu um garoto de cinco ou seis anos, avisou-a:

— Em o teu filho sendo mais crescido, manda-o para S. Martinho. Farei dele um homem de valor, pondo-o a estudar em Coimbra.

Minha mãe, coitada, a contas comigo e mais cinco ou seis filhas, agradeceu logo ao irmão e a Deus o futuro risonho que me anevia.

Meu pai mourejava no Brasil, e as suas remessas de fundos, para manter a família, nem sempre chegavam com pontualidade.

O «Flor de Maria» singrava velozmente e eu, descortinando horizontes, montanhas e terras, anotava em um caderno escolar as minhas impressões pessoais e os nomes de Quarteira, Albufeira, Pera, Portimão, Alvor e Lagos.

Quando o caíque fundeu em Lagos, o mestre Joaquim Derreado recebeu a nova

que em Sesimbra estava a morrer muita cavala. A pesca, em Lagos, não dava rumor.

Passados dois dias, o Levante entrou a soprar e a baía de Lagos tornou-se um fundeador pouco tranquilo.

O tio Joaquim fez-se ao largo, com todo o pano desferrado; e o caíque, impellido por vento fresco, corria sobre as vagas.

Os olhos de linco do tio Joaquim faiscavam pelo mar, na descoberta da velocidade do vento.

Súbito, gritou:

— «Eh, rapazes! Ferra a vela grande». Seis tripulantes, quatro homens e dois moços, treparam pelas enxárcias. O vento crescia e o mar encrespava-se, e os dois moços, agarrados ao penol da vela grande, consideravam-se impotentes para o termo da sua missão.

O mestre, firme ao leme, como um colosso, ordenou alto:

— «Arreiem imediatamente a vela».

A sua ordem foi logo cumprida.

Na minha ignorância de criança, compreendi de repente o valor do tio Joaquim.

Alcacinado por uma doença na espinha dorsal em pequeno, dobrado, derreado, aquele organismo reagia, aquela voz modulava enérgicamente as ordens do comando. Mestre Joaquim, sem saber ler nem escrever, impunha a sua autoridade de capitão sem

diploma. Infundia respeito e parecia sorrir da fúria dos elementos.

Era um grande marinheiro, o tio Joaquim Derreado!

Entramos na enseada de Sagres, unicamente com o traquete nos últimos rizes. O vento, durante duas semanas, assobiou as suas árias em ré maior...

No dia seguinte, o tio Joaquim disse-me, para me distrair, que fosse contando os navios que passavam à vista.

Das oito horas às doze da manhã, tomei nota de 108 navios, assim discriminados: 20 palhabotes, 35 brigues, 18 galeras, 21 lugres e 14 vapores.

Fiquei maravilhado com tanta navegação. Pela minha estatística infantil, vê-se que a navegação à vela era importante e a navegação a vapor diminuta.

Com o rolar do tempo e do progresso, as estatísticas inverteram-se, as condições de transportes modificaram-se.

O cenário de Sagres colou-se à minha retentiva para sempre.

Nesse ano lavrava em Espanha o cólera-mórbus e as autoridades portuguesas destacaram pela costa algarvia tropas vigilantes para evitar desembarques furtivos de gente vinda daquela nação vizinha.

Os soldados, aquartelados em pequenas barracas de lona, pareciam-me de longe minúsculos soldadinhos de chumbo...

Marcos Algarve

## O PROBLEMA DAS COMUNICAÇÕES FERROVIÁRIAS

(CONTINUAÇÃO DA 1.ª PÁGINA)

apenas, a de tentar esclarecer alguns assuntos no que respeita à sua solução. E só essa.

Entre muitas outras coisas, disse o ilustre conferente que os algarvios se deviam unir todos, como se fossem um só, e encarar filosoficamente, e do alto, os grandes problemas da nossa ridente província, mas só aqueles que, na época difícil que atravessamos, oferecessem aspectos e garantias de solução, e que pudessem ser considerados de interesse colectivo e encarados como problemas nacionais, e até mesmo internacionais.

E, continuando na sua brilhante exposição, acrescentou que era de lamentar que a capital do País ainda hoje não estivesse ligada ao Algarve por meios de transporte ferroviários rápidos e diários, que diminuíssem as horas dolorosas que se consomem a atravessar os duzentos quilómetros de planícies alentejanas, para transpôr as muralhas da sua serra, que esconde atrás de si a nossa linda província. Tão dolorosa é esta viagem, nas condições em que se faz hoje, que quase se chega a desejar, que melhor seria que não houvesse Alentejo.

Fiquemos por aqui, hoje. Cremos ter feito, mais ou menos, uma síntese das ideias gerais da exposição do prof. Dr. Délio Santos, ao tratar do magno problema dos transportes em caminho de ferro, de ligação de Lisboa com o Algarve.

Vamos, pois, procurar expôr o que modestamente pensamos, relativamente à sua solução. Na nossa opinião, o problema dos transportes ferroviários, de ligação de Lisboa com a nossa Província, é praticamente insolúvel, pelo menos enquanto a exploração dos caminhos de ferro não for feita directamente pelo Estado, à semelhança do que acontece com todos os caminhos de ferro da Europa.

Até lá, este problema é daqueles que, segundo a opinião do ilustre conferente—devido à época difícil que atravessamos—, não devia merecer a nossa atenção de algarvios, por não oferecer aspectos e possibilidades de solução prática.

Vejam os porquê. Os Caminhos de Ferro serão considerados entre nós como um serviço de utilidade pública, ou não?

Entendemos que sim. Entende-

mos que eles representam, nos continentes, o que as artérias e as veias representam no corpo humano. A sua função é absolutamente idêntica.

No corpo humano, existe um grande centro de actividade—o coração—que impulsiona e faz circular, através das artérias e veias, o sangue carregado com as propriedades e riquezas indispensáveis ao abastecimento e alimentação de todo o corpo, e regressa depois, pelas mesmas vias, carregado de outras tantas propriedades indispensáveis, também, à actividade e à vida do grande centro.

Nos continentes, como no corpo humano, existem, também, os grandes centros de actividade—as Capitais—e as artérias e veias que são as vias férreas, por onde circulam os comboios, transportando e distribuindo por todo o continente os produtos das suas actividades, indispensáveis à vida dos povos de todos os recantos das províncias, regressando depois, carregados de matérias primas e géneros alimentícios, também indispensáveis à vida e à actividade fabril dos grandes centros.

Os caminhos de ferro, como as estradas, que rasgam e atravessam o País lés-a-lés, são vias de comunicações públicas, que o Estado fomenta e proporciona à Nação, em troca dos tributos que ela paga, por forma indirecta.

Simplesmente, há uma diferença a considerar. Enquanto as estradas são postas à disposição do povo e são utilizadas sem contribuição directa, nos caminhos de ferro, em virtude dos encargos da sua onerosa exploração, tais como o custo do material de via, do material circulante, do material de tracção, dos combustíveis e vencimentos do respectivo pessoal, a sua utilização é directamente paga pelo público, e as suas receitas pertencem ao Estado, que os criou, que os mantém e que os desenvolve, como serviço nacional.

Porém, entre nós, os caminhos de ferro, incluindo as linhas do próprio Estado, vêm sendo exploradas por uma grande Companhia, e é evidente que ela os explora para deles tirar lucros.

Não nos surpreende, portanto, que essa Companhia limite percursos, para restringir despesas; que desvie trajectos, tornando-os mais longos, para com um só comboio servir mais de uma região, como acontece com o semidirecto

(CONCLUSÃO NA 2.ª PÁGINA)

# A importação de atum fresco

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

quantidade de atum muito superior à que se pesca, desde que se lhe proporcionem condições favoráveis de preço para a sua produção.

Parece, portanto, que a solução lógica seria ir procurar o atum onde ele se encontra com mais abundância, em barcos apropriados, em vez de o esperar, sentados, nas nossas armadeiras, à espera que apareça. Ou, então, importá-lo livremente, sem pagamento de direitos, dos países que o exportam.

O apetrechamento de dois barcos modernos, em que se investiram capitais volumosos, para a pesca do atum em mares longínquos, à linha e com isca viva, como se faz na América, Perú, Japão, França e Norte de Espanha, convenceu a indústria da conserva de que o problema do seu abastecimento, em quantidade e preço, estava resolvido. Puro engano. Verificava-se, em breve, com admiração e tristeza, que o atum pescado por aqueles barcos, portugueses, pagava direitos de importação, esc. 1\$30 cada quilo, o que tornou impossível a sua compra. E o resultado final desta iniciativa, tão prometedora, foi o atum, que se destinava a Vila Real de Santo António, ser levado para os portos dos E. U. A. e da Itália, onde não paga direitos, e ser ali utilizado pelas indústrias conservadoras nossas concorrentes.

A solução pela importação directa do atum dos países que exportam os seus excedentes, como Marrocos, França, Tânger, Noruega, está igualmente prejudicada em virtude da aplicação da taxa de direitos. A indústria conservadora não pode suportar este encargo, extraordinariamente avolumado pelo facto de só poderem ser aproveitados, para o fabrico, 36% do peixe, indo o restante, desvalorizado, para os subprodutos, e tendo ainda as despesas de frete, seguro e mais escavadas.

Está, portanto a indústria de conservas de atum impossibilitada de adquirir a matéria prima de que carece, em quantidade e preço, para poder concorrer com as suas congéneres estrangeiras, em virtude do critério fiscal com que se pretende defender, a nosso ver erradamente, os interesses dos armadores do atum. Se estes quiserem encetar o problema com vistas largas e sentido realista, terão que concordar que a importação do atum em vez de os prejudicar, só os beneficiaria, porque a indústria da conserva poderia assim pagar-lhes preços mais elevados do que os actuais, indo buscar a compensação aos preços mais baixos do atum importado. E não pode haver receio de ficar por vender o atum nacional, porque a pesca sabe muito bem que a indústria da conserva o absorverá sempre na totalidade.

E' evidente que a solução do problema está, portanto, em eliminar os direitos que oneram a entrada do atum, porque, com tal medida, valoriza-se a pesca, aumenta-se a produção e a exportação, e canaliza-se mais ouro para o país.

Olhem os exemplo que os E. U. A. nos dão. Existe ali uma indústria da pesca do atum desenvolvidíssima, que envolve interesses vastos e poderosos. Basta que se diga que as suas capturas no ano passado atingiram 183.000 toneladas e que um «tuna-clipper», o barco atuneiro, custa 15 mil contos. Apesar, porém, de toda a eficiência e valor daquela indústria, o Governo dos E. U. A., reconhecendo que a sua indústria da conserva do atum precisa de satisfazer cabalmente as necessidades do consumo nacional, se bem que em 1953 produzisse cerca de 10 milhões de caixas, autoriza a importação do atum fresco, livre de direitos. O mesmo sucede com a Itália. Embora tenha uma indústria de pesca do atum bastante desenvolvida, permite a importação do atum fresco, sem pagamento de direitos.

O abrigo desta facilidade, os noruegueses estão para ali enviando anualmente muitos milhares de ton. de atum congelado, a preços baixos, que os conservadores e o público italiano consomem em larga escala. E esta é uma das principais razões porque a nossa indústria de conserva do atum, que tem no mercado italiano o seu tradicional e quase exclusivo comprador, necessita de matéria prima barata para poder não somente ali concorrer, mas subsistir.

Estamos convencidos que o problema encarado sob o único aspecto por que ele deve ser visto, o dos interesses gerais, só poderá ter a solução que a indústria de conserva aspira e que, certamente, lhe será dada,

# VALORES ECONÓMICOS DA PROVÍNCIA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

do, o que elevou a saída total do Algarve a 29.746 toneladas.

Os direitos de exportação e as taxas para a Junta Nacional das Frutas e Grémio, pagas por 1 kg. de produto exportado ou entrado no mercado interno (neste caso, só as taxas para a Junta e Grémio), foram as seguintes:

	Direitos de exportação	Taxas para a Junta e Grémio
Alfarroba inteira	\$10(5)	\$00(8)
» triturada	\$04	\$01
Grainha alfarroba	1,5%	
idem farinada e adwagermen de grainha lorem	\$10	

A alfarroba triturada está a empregar-se no País, principalmente para adicionar aos outros alimentos, para arraaçoamento de gado cavalari e muar. Como tem um valor forraginoso equivalente ao da cevada ou aveia, se fosse melhor tolerada pelos animais, o seu valor actual de cerca de 1\$20 por kg., de certo aumentaria, porque os animais a preferem pelo seu bom paladar.

Os holandeses já há muito submetem a alfarroba à operação de destaninagem, para lhe retirar os inconvenientes do tanino, que provoca no gado leiteiro e suino cólica por obstipação. Espera-se que, dentro em pouco, os Laboratórios concluem os estudos a que estão procedendo, para valorizar este produto, que tanto pesa na economia da nossa província. Com a destaninagem aumenta-se ao valor do alimento o do tanino retirado.

Os alfarroba existentes ao sul do Tejo, segundo o Instituto Nacional de Estatística, eram em 1952:

Algarve	17.955
Baixo Alentejo	52
Alto Alentejo	19
Ribatejo	49
<b>Total</b>	<b>18.073</b>

No plano de florestação da serra algarvia, a cargo da Direcção Geral dos Serviços Florestais e Aquícolas, do Ministério da Economia, e pelo qual se pretendem arborizar cerca de 250.000 hectares, actualmente degradados pela erosão, pensa-se aumentar os actuais 15.400 hectares de alfarroba, em regime florestal, para 42.249 hectares, ficando o concelho de Loulé com a maior área, ou seja, um total de 15.472 hectares. A demora no início dos trabalhos, que se calcula em 2 anos, deve-se ao facto de não existir ainda o cadastro geométrico da área a florestar, o que vai ser levado a efeito pelo Instituto Geográfico e Cadastral.

Além dos referidos 42.249 hectares de alfarroba em regime florestal, existem muitos mais, em consociação com outras formas agrícolas. Em 1950, calculava-se a nossa produção média anual de alfarroba em cerca de 40.000 toneladas, número que pouco parece representar perante as médias de 400.000 toneladas da produção espanhola ou as 150.000 toneladas italianas, as de Chipre, etc.

Na Bélgica, os preços da farinha de grainha de alfarroba eram de cerca de 16\$80, enquanto o da fécula de 5\$20, por kg. Sendo a fécula empregada numa concentração 3 vezes superior à da farinha de grainha de alfarroba, o custo daquela continua porém inferior ao da alfarroba.

Em 1952 foram importadas cerca de 15 toneladas de gomas naturais (não compreendendo as de alcátria e arábica), ao preço médio CIF de 21\$13/Kg.

A. de Sousa Pontes

## Encerramento do curso de bordados

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

ro, concessionária daquelas máquinas na nossa província, acompanhado de sua esposa, D. Ilda Leocádia C. do Rosário, chegou a Castro Marim pelas 16 horas, sendo recebido com manifestações de muita simpatia.

Seguidamente, formou-se um cortejo, com a participação da banda de música local, que se dirigiu para a Casa do Povo, onde aquele senhor cortou a fita simbólica, inaugurando a Exposição. Esta, que foi muito visitada, pelo bom gosto da organização e valor dos trabalhos expostos, mereceu as mais elogiosas referências.

Pelas 17 horas, na sede da Sociedade Recreativa Popular, que se encontrava ornamentada com os distintivos da importante organização industrial das máquinas Oliva, realizou-se uma sessão solene, presidida pelo sr. António Valentim Moreira Parra, chefe da secretaria da Câmara Municipal, em representação do presidente do Município, vindo-se, em lugares de honra, as sr.ªs D. Inês Molinarinho Moreira Parra, D. Rita de Jesus de Sousa Branco, D. Ilda Costa do Rosário, D. Clarisse dos Santos Estevens, D. Adélia

Dum inquérito recente, feito a pedido da Junta Nacional das Frutas, consta que as aptidões da alfarroba, nos mercados estrangeiros, são as seguintes:

Na Bélgica, a farinha do caroço da alfarroba, é empregada:

- 1.º — Na indústria textil, principalmente na do algodão, numa concentração de 2%, como substituto das féculas, que exigem uma concentração de 6%, e este maior poder de colagem da goma de caroço de alfarroba, dá um melhor acabamento aos tecidos, como já se comprovou nas fábricas de tecidos portuguesas, com o produto fabricado pela fábrica INDAL, de Faro.

Deve acrescentar-se que os norte-americanos, com toda a aparelhagem química de que dispõem, não conseguiram obter gomas com as aptidões da do caroço de alfarroba.

2.º — Na indústria de coiros, para os alisar e tingir.

3.º — Na fabricação de papeis transparentes do género «celofane» e para tornar vidrados certos papeis dos tipos «couchés».

4.º — Na fabricação de tintas de água, tintas à base de colas e no engrossamento de tintas de impressão.

5.º — No fabrico de cremes gelados, pastas de frutos, molhos, sopas e queijos em pasta.

E preciso esclarecer que as agora tão reclamadas e apreciadas sopas sintéticas, Knorr, Liebig, etc., de fabrico estrangeiro, devem a acentuação do seu bom sabor à adição do germen da grainha de alfarroba, industrialmente preparado.

6.º — Em metalurgia, no fabrico de moldes de areia aglomerada, para fundição de metais.

O comércio da goma de grainha de alfarroba raras vezes se faz na Bélgica—como aliás noutros países—sob a sua designação original.

Como regra quase geral, o produto aparece à venda sob a forma de especialidade, com marca própria do fabricante. Os fornecedores destas especialidades são a Suíça, a Itália e a Alemanha.

Neste capítulo, é preciso também saber que, em Portugal, os representantes destas gomas de origem estrangeira fabricadas, talvez, com a matéria prima portuguesa, costumam conceder gratificações aos mestres das fábricas de tecidos, para que prefiram os seus produtos e não os de fabricação nacional...

Na Bélgica, os preços da farinha de grainha de alfarroba eram de cerca de 16\$80, enquanto o da fécula de 5\$20, por kg.

Sendo a fécula empregada numa concentração 3 vezes superior à da farinha de grainha de alfarroba, o custo daquela continua porém inferior ao da alfarroba.

Em 1952 foram importadas cerca de 15 toneladas de gomas naturais (não compreendendo as de alcátria e arábica), ao preço médio CIF de 21\$13/Kg.

A. de Sousa Pontes

Viegas Rocha, professora do curso, a menina Maria Amélia Pessanha, representando as alunas, e os srs. Luís Cabrita do Rosário, Valdemar da Silva Cabral, inspector-geral das Fábricas Oliva, Américo de Sousa Branco, inspector no Algarve, Padre João Alves de Araujo, pároco da freguesia, prof. José Pedro Pires Parra, delegado escolar, Ricardo Lino Correia, gerente da Agência do Banco Ultramarino em Vila Real de Santo António, e Alfredo de Campos Faisca, agente em Castro Marim das máquinas Oliva.

Usaram da palavra, durante a sessão, os srs. Cabrita do Rosário, o Rev. Alves de Araujo, Campos Faisca, D. Adélia Rocha, a menina Maria Amélia Pessanha, em nome das suas colegas de curso, D. Clarisse Estevens e o sr. Silva Cabral. A seguir, o sr. Moreira Parra fez a entrega dos diplomas às alunas finalistas, num total de trinta e duas.

Na mesma Sociedade, à noite, teve lugar um passatempo musical, com a colaboração de alguns amadores desta vila e de Faro, que terminou com um animado baile, abrilhantado pela Orquestra Ibérica.